

O QUE SOA “GAY”? PROSÓDIA, INTERPRETAÇÃO E JULGAMENTOS DA FALA MASCULINA*

Erez Levon**

Resumo: Este artigo descreve um experimento de percepção sociolinguística cujo objetivo é verificar o que especificamente as pessoas ouvem ao avaliarem a sexualidade de um falante. Produziram-se digitalmente quatro estímulos, por meio do encurtamento da duração de sibilantes e do estreitamento do intervalo de *pitch* na fala de um homem lendo um texto. Os ouvintes atribuíram notas a várias combinações dos quatro estímulos em dez escalas, entre as quais se incluem “hétero/gay” e “efeminado/masculino”. As modificações das duas variáveis foram insuficientes para alterar significativamente as percepções dos ouvintes sobre a sexualidade do falante. Contudo, correlações significativas entre as diferentes escalas ilustram o fato de que percepções sobre sexualidade são ideologicamente ligadas a outras percepções sobre personalidade e individualidade.

Palavras-chave: Duração de sibilantes. *Pitch*. Gênero/sexualidade.

Neste artigo, examina-se se duas variáveis prosódicas, o intervalo de *pitch* e a duração de sibilantes, têm influência sobre percepções a respeito da identidade sexual de um falante do sexo masculino. Ambas as variáveis têm sido amplamente discutidas na literatura sobre linguagem e sexualidade e têm se mostrado correlacionadas, em diversos graus, com a percepção de homossexualidade masculina. Pelo fato de que a percepção popular sobre a fala de homens gays se caracteriza por níveis altos de variabilidade de *pitch*, diversos estudos tentaram identificá-la como um índice de homossexualidade (p.ex., GAUDIO, 1994, ROGERS; SMYTH, 2003). No entanto, nenhum desses estudos conseguiu demons-

* O artigo “Hearing ‘gay’: prosody, interpretation and the affective judgments of men’s speech” foi originalmente publicado no periódico *American Speech* (v. 81, n. 1), em 2006, e a presente tradução foi autorizada por seus editores. Trata-se de uma versão resumida, realizada por Livia Oushiro (Unicamp) e Ronald Beline Mendes (USP).

** Queen Mary University of London – Londres – Reino Unido. E-mail: e.levon@qmul.ac.uk

trar uma correlação direta e irrestrita entre o intervalo de *pitch* de um falante e percepções sobre sua sexualidade. As pesquisas sobre a duração de sibilantes têm tido mais sucesso nesse sentido. Interessados no estereótipo “homens gays ceceiam”, diversos estudos verificaram relação entre a duração de sibilantes e percepções sobre a sexualidade do falante (p.ex., LINVILLE, 1998; ROGERS; SMYTH; JACOBS, 2000).

Além de terem obtido, na melhor das hipóteses, resultados ambíguos, pesquisas anteriores recentemente têm passado por uma análise crítica de suas metodologias subjacentes. Essa crítica, desenvolvida sobretudo em Kulick (2000) e Cameron e Kulick (2003), afirma que boa parte dessa pesquisa se baseia em conceitualizações estáticas de categorias identitárias reificadas, de modo que adota visões essencialistas tanto das categorias sociais sob discussão (p.ex., “gay” ou “hétero”) quanto das práticas linguísticas a elas associadas. Em outras palavras, muitas das pesquisas anteriores assumem, ao menos implicitamente, uma homogeneidade da prática linguística de pessoas que se identificam como “gay” ou “hétero” e, conseqüentemente, analisam tais práticas como um resultado natural da identidade sexual dos falantes. Kulick (2000, p. 265) argumenta que esse tipo de pesquisa “inicia-se com o ‘conhecimento’ das identidades cuja própria constituição deveria ter sido justamente a questão sob investigação”. Ambos, Kulick (2000) e Cameron e Kulick (2003, p. 114), argumentam em favor de pesquisas sobre a “semiótica social do desejo”, isto é, sobre os vários signos sociais que se repetem (DERRIDA, 1995) e servem para indiciar desejo e sexualidade. O deslocamento do foco, da “identidade” para as práticas sociais, permite que os pesquisadores não tratem a “sexualidade” como uma categoria estática. Ao examinar as diversas maneiras pelas quais desejo e sexualidade se materializam por meio da linguagem, as pesquisas podem melhor desenvolver um entendimento acerca de como os indivíduos negociam o desejo a fim de apresentar uma identidade psicológica distintiva (IRVINE, 2001), bem como acerca das ideologias sociais e linguísticas sobre sexualidade e identidade que limitam a agentividade dos indivíduos.

Eckert (2002, p. 105) nos lembra que não podemos divorciar os recursos semióticos de suas histórias sociais, histórias essas que “relacionam o que um indivíduo faz com coisas que grupos ou categorias de pessoas fazem”. Embora Eckert reconheça que essas “categorias de pessoas” possam se apresentar de maneiras diversas, ela argumenta que categorias identitárias comuns (p.ex. “gay”, “hétero”, “lésbica”) possuem certo *status* ideológico que lhes oferece *loci* sociais particularmente salientes, nos quais os indivíduos podem se posicionar. Em outras palavras, ainda que um indivíduo específico possa achar que nenhuma dessas categorias identitárias corresponda à sua própria concepção de si, o fato de tanto as categorias quanto as práticas semióticas a elas associadas serem amplamente reconhecidas e compreendidas as torna posições sociais efetivas a serem adotadas, ainda que temporariamente. Cameron e Kulick (2003) apresentam argumento similar. Ao mesmo tempo que defendem um deslocamento metodológico em direção do estudo de práticas sociais, eles afirmam que “tanto a ideologia quanto as práticas são fenômenos sociais reais; cada um tem interesse em si, e o estudo da linguagem e de qualquer forma de identidade é, em grande medida, o estudo da relação entre elas” (CAMERON; KULICK, 2003, p. 136).

No presente artigo, propõe-se um experimento que tenta incorporar os argumentos apresentados por Cameron e Kulick (2003) e por Eckert (2002), deslo-

cando-se o foco de categorias identitárias para práticas semióticas que indicializam tais categorias.

DESENHO DO EXPERIMENTO

O experimento aqui reportado tenta abordar o que se entende serem limitações teóricas e metodológicas de pesquisas prévias. Gaudio (1994), Linville (1998), Rogers, Smyth e Jacobs (2000) e Rogers e Smyth (2003)¹, assim como a maior parte das pesquisas sobre percepções de sexualidade, adotam uma metodologia em dois passos. Dois grupos de falantes, um autoidentificado como “gay” e outro como “hétero”, são usados como fonte de estímulos para os experimentos. Esses estímulos são então apresentados a ouvintes, que atribuem notas aos falantes em diversas escalas relacionadas a gênero e sexualidade. Esses quatro estudos mostraram que os ouvintes foram capazes de identificar corretamente a identidade sexual dos falantes de forma notavelmente precisa. Os pesquisadores então examinaram as gravações dos estímulos dos falantes “gays” e “héteros” na tentativa de identificar diferenças linguísticas sistemáticas entre os dois grupos, as quais poderiam explicar a precisão da percepção dos ouvintes. Essa metodologia tem dois problemas principais. Primeiro, ela coloca as categorias identitárias sob estudo no centro da investigação e, segundo, força uma análise linguística dos estímulos experimentais *post hoc*.

Esses estudos aproximam-se perigosamente da assunção de uma relação necessária e estática entre, de um lado, os construtos “gay” e “hétero” e, de outro, o estilo linguístico associado a esses posicionamentos sociais. Eles assumem implicitamente que as práticas de um grupo de pessoas que se identifica como gay são internamente homogêneas, assim como mutuamente exclusivas e maximamente diferenciadas em relação a um grupo de pessoas que por ventura se identificam como héteros. Ao examinar a fala de um pequeno grupo de pessoas e ao permitir que representem a fala “gay” ou “hétero”, essas metodologias ignoram a realidade de que as práticas linguísticas são altamente variáveis, tanto inter, quanto intrafalantes. Cameron e Kulick (2003) nos lembram de que não podemos ignorar o fato de que os indivíduos, em suas vidas cotidianas, mudam seu modo de falar ao longo de uma gama de situações, nas quais diferentes identidades sociais são mais salientes do que outras. Apesar do reconhecimento (há décadas na sociolinguística) de que a variação é condicionada pelo tópico de fala e pelos interlocutores (GILES; POWESLAND, 1975; BELL, 1984, 2001), a maior parte das pesquisas sobre linguagem e sexualidade ignora esse fato (ver, no entanto, PODESVA; ROBERTS; CAMPBELL-KIBLER, 2002; PODESVA, 2003; BUCHOLTZ; HALL, 2004).

Com relação à variação entre falantes, ainda que a prática linguística de determinado indivíduo possa corresponder exatamente ao estereótipo relevante, tal pode não ser o caso da prática de outro falante. Cameron e Kulick (2003, p. 136) consideram que quaisquer afirmações sobre um estilo gay de falar “não devem ser tomadas como generalizações descritivas sobre o comportamento de indivíduos reais em comunidades gays específicas, pois esses indivíduos podem não exibir, na prática, as características de fala que formam o construto ideoló-

1 A versão original inclui uma descrição mais detalhada de cada um desses estudos (N. T.).

gico”. Ao ignorar a realidade da variação linguística, essas metodologias reificam as identidades que tentam examinar.

Assim, propõe-se uma metodologia que não focalize tais categorias identitárias reificadas e que não dependa de uma comparação entre falantes “gays” e “héteros” estereotípicos. Aqui, utiliza-se a fala de uma pessoa, não relacionada com o projeto, para obter os estímulos do experimento. Gravou-se a leitura de um texto curto (cerca de 71 segundos de duração) feita por um homem branco de aproximadamente 25 anos. O texto era uma narrativa neutra (sobre um típico assunto na cidade de Nova Iorque – uma plataforma de metrô lotada em Manhattan), que foi criada com o controle do número de ocorrências e da posição de sibilantes: a fricativa alveolar surda /s/, a fricativa alveolar sonora /z/ e a fricativa palato-alveolar surda /ʃ/ (ver Anexo). A composição das sibilantes do excerto é apresentada na Tabela 1².

Tabela 1 – Sibilantes no texto do estímulo por tipo e posição

	Posição na palavra		Posição na sílaba		Acento da sílaba		Total
/s/	Inicial	13	Ataque	20	Tônica	25	39
	Medial	14	Coda	19	Átona	14	
	Final	12					
/z/	Inicial	0	Ataque	2	Tônica	5	20
	Medial	7	Coda	18	Átona	15	
	Final	13					
/ʃ/	Inicial	10	Ataque	13	Tônica	1	14
	Medial	3	Coda	1	Átona	13	
	Final	1					
Total	Inicial	23	Ataque	35	Tônica	31	73
	Medial	24	Coda	38	Átona	42	
	Final	26					

Em uma primeira fase, a gravação da leitura do excerto foi apresentada a um grupo de 10 homens e mulheres, que atribuíram notas em escalas de “hétero/gay” e “afeminado/masculino”. Esse grupo se constituiu apenas de estudantes de pós-graduação em Linguística na New York University, que conheciam o tópico geral da pesquisa (i.e., a percepção sociolinguística da sexualidade), mas não conheciam o falante ou sua identidade sexual. Esses 10 ouvintes avaliaram a fala na gravação original como “extremamente gay” e “extremamente afeminada”. Uma vez que diferenças entre fala “gay” e “hétero” não estavam sendo testadas, mas sim o efeito específico de determinadas variáveis linguísticas sobre a percepção acerca da sexualidade do falante, essa

2 Foram excluídas a fricativa palato-alveolar sonora /ʒ/, assim como as africadas palato-alveolares surda e sonora (/tʃ/ e /dʒ/, respectivamente), porque não têm lugar de destaque em estudos anteriores.

gravação foi usada para criar estímulos experimentais adicionais. A questão principal foi: se os intervalos de *pitch* e as durações das sibilantes nessa leitura fossem alterados, mudariam também os julgamentos dos ouvintes sobre o falante? Ao mudar nada mais do que essas características linguísticas específicas, alguns ouvintes avaliariam esse falante como hétero ou masculino? Tais formulações evitam o uso de categorias identitárias como primitivos e permitem examinar se a variação controlada de características linguísticas discretas poderia afetar as percepções acerca da sexualidade do mesmo indivíduo. A diferença crucial entre a presente metodologia e aquelas dos trabalhos anteriores acima citados é a importância da identidade sexual do falante no desenho empírico. Nas pesquisas anteriores, as análises foram conduzidas separadamente para aqueles que se identificam como “gay” ou “hétero”, num esforço de encontrar diferenças entre os dois. Aqui, a percepção de uma identidade gay é usada como ponto de partida, e manipulações linguísticas são realizadas a fim de verificar se disso decorrem mudanças nas percepções. O modo como o falante se identifica nunca é mencionado.

A metodologia aqui proposta também tem o benefício de responder à outra crítica sobre pesquisas prévias: o fato de que as análises linguísticas foram necessariamente *post hoc*. As metodologias que apresentam a fala de indivíduos que se identificam de modo diferente deparam com dificuldades potencialmente insuperáveis no que diz respeito à identificação dos traços linguísticos específicos que estão sendo avaliados. Embora os participantes tenham sido capazes de identificar consistente e corretamente a sexualidade dos falantes, como em Gaudio (1994), Linville (1998) e Smyth, Jacobs e Rogers (2003), as metodologias empregadas por esses pesquisadores tornam as análises dos traços aos quais os ouvintes se ativeram uma reflexão posterior, motivada amplamente pelas suposições ideológicas dos próprios pesquisadores. Em que o ouvinte prestou atenção? Identificar exaustivamente e de modo conclusivo as pistas linguísticas salientes aos quais os ouvintes atentam, dentre centenas de traços e suas combinações, é praticamente impossível com uma metodologia que não controla a variação entre os estímulos.

No sentido de abordar essa problemática, a gravação original do excerto foi digitalmente manipulada com respeito a duas variáveis, duração das sibilantes e intervalo de *pitch*. Como se iniciou com um excerto que havia sido identificado como falado por um homem “extremamente gay” e “extremamente afeminado”, tanto a duração das sibilantes quanto os intervalos de *pitch* foram reduzidos nas manipulações digitais, para avaliar se há uma relação direta entre essas variáveis linguísticas e as avaliações nas escalas de “gay” e “efeminidade”. Todas as sibilantes foram reduzidas em 17%³, o limite identificado por Rogers, Smyth e Jacobs (2000) e Linville (1998) como o ponto em que mudam as percepções dos ouvintes sobre a sexualidade (o que permitiu testar se os achados prévios de correlação com respeito à duração da sibilante seriam mantidos quando todos os demais aspectos fossem controlados). Essa alteração usou uma medida relativa (17%) em vez de uma medida absoluta (p.ex., 45 ms) a fim de preservar a variação fonética normal dentro do excerto de fala original. Já se demonstrou que a variação na duração dos segmentos depende da posição da palavra

3 Para reduzir as sibilantes, 17% do segmento foi cortado do sinal. A porção retirada foi sempre no meio do segmento, em que a amplitude da fricatividade era maior, a fim de preservar a naturalidade o máximo possível.

(OLLER, 1973; KLATT, 1974; LEHISTE, 1975; UMEDA, 1977), da posição da sílaba (OLLER, 1973), da posição do sintagma (KLATT, 1975), da tonicidade da sílaba (FRY, 1958; LEHISTE, 1975; UMEDA, 1977), e do tipo de segmento (NOOTEBOOM, 1997). O uso de uma medida relativa para alterar a duração das sibilantes permite a preservação de distinções fonéticas dentro do excerto original.

Quanto ao intervalo de *pitch*, não existe um valor-limite claro para percepções de sexualidade. Alguns autores reportam diferenças tão pequenas quanto 8%, ao passo que outros reportam diferenças tão amplas quanto 45%. Em estudo prévio sobre as representações de personagens gays no cinema e na televisão, Levon (2004) constatou que as diferenças nos intervalos de *pitch* entre a fala natural dos atores e a fala de seus personagens ficavam entre 22% e 28%. Por esse motivo, reduziu-se o intervalo de *pitch* do excerto original em 25%. Isso foi feito com o editor de *pitch* no Praat (versão 4.1.15). O excerto original foi primeiramente dividido em frases entoacionais por meio do sistema de codificação *Tone Break Indices* (ToBI). Dentro de cada uma delas, o intervalo central de *pitch* (ou 95,4% do total do intervalo de *pitch*) foi calculado em semitons. Aqui, adota-se a proposta de Henton (1989, 1995), que lança diversos argumentos para o cálculo de intervalo de *pitch* na escala logarítmica de semitons, em vez da escala linear em Hertz, na medida em que o ouvido percebe o *pitch* de modo logarítmico. Além disso, também se adota a proposta de Jassem (1971), que argumenta que, na análise de variabilidade de *pitch*, deve-se empregar um intervalo restrito, composto de quatro desvios padrão do *pitch* médio de um enunciado. Isso garante que o intervalo medido é mais representativo das reais flutuações em *pitch*, com a exclusão de valores atípicos extremos ou de dados isolados. Uma vez identificado o intervalo de *pitch* de cada frase entoacional, o contorno geral foi comprimido em 25%. Dessa maneira, a forma original do contorno é preservada, assim como as taxas relativas de dinamismo de *pitch* entre os picos e os vales, o que permitiu o isolamento somente do intervalo de *pitch* como variável sob investigação.

Quatro estímulos foram criados a partir das manipulações do excerto original, sendo que as únicas diferenças entre cada excerto são as configurações das duas variáveis, tal como mostra o Quadro 1. Diferentemente da maioria dos estudos anteriores sobre o assunto (mas de modo semelhante a LAMBERT et al., 1960), o presente experimento, assim desenhado, permite atribuir quaisquer diferenças nos julgamentos dos ouvintes sobre os excertos às variáveis específicas sob investigação⁴.

Quadro 1 – Estímulos do experimento

Estímulo	Intervalo de <i>pitch</i>	Duração das sibilantes
A (não alterado)	[–estreito]	[–curta]
B	[+estreito]	[–curta]
C	[–estreito]	[+curta]
D	[+estreito]	[+curta]

⁴ Um parecerista apontou para o perigo potencial da atenção dos ouvintes ser artificialmente dirigida aos dois traços que foram experimentalmente controlados, à custa de outros traços fonéticos relevantes. Reconhece-se essa possibilidade como uma limitação endêmica à pesquisa controlada sobre percepção.

Analisaram-se os julgamentos por parte de 121 estudantes de graduação da New York University ou City University of New York, matriculados em cursos de linguística, antropologia ou estudos sobre as mulheres. Nenhum dos participantes conhecia previamente o pesquisador ou seu trabalho. Solicitou-se aos ouvintes que participassem de uma tarefa em que ouviriam excertos e avaliariam o falante em uma variedade de escalas de personalidade. Os ouvintes (65% de mulheres e 45% de homens) tinham entre 18 e 45 anos. Após ouvir cada excerto, os participantes avaliaram o falante em 10 escalas (Quadro 2), que tentam medir opiniões sobre a “competência” (escalas 2 e 8) e a “benevolência” (escalas 1, 5 e 9) do falante (nos termos de SCHERER, 1972), assim como várias características relacionadas com sua identidade sexual e de gênero (escalas 3, 4, 6, 7 e 10, adaptadas de GAUDIO, 1994). As notas médias atribuídas aos quatro estímulos são apresentadas na Tabela 2.

Quadro 2 – Escalas

1 = extremamente 4 = neutro 7 = extremamente									
1.	generoso	1	2	3	4	5	6	7	ganancioso
2.	preguiçoso	1	2	3	4	5	6	7	trabalhador
3.	pudico	1	2	3	4	5	6	7	promíscuo
4.	efeminado	1	2	3	4	5	6	7	masculino
5.	indiferente	1	2	3	4	5	6	7	amigável
6.	hétero	1	2	3	4	5	6	7	gay
7.	ordeiro	1	2	3	4	5	6	7	bagunceiro
8.	astuto	1	2	3	4	5	6	7	ingênuo
9.	afável	1	2	3	4	5	6	7	maldoso
10.	genuíno	1	2	3	4	5	6	7	falso

Tabela 2 – Média das avaliações dos quatro estímulos

Escalas (1/7)	Estímulo A	Estímulo B	Estímulo C	Estímulo D
Generoso/Ganancioso	4,30	4,45	4,53	4,28
Preguiçoso/Trabalhador	4,13	3,95	3,78	4,15
Pudico/Promíscuo	3,93	3,82	4,42	4,13
Efeminado/Masculino	2,61	3,29	2,73	2,96
Indiferente/Amigável	3,85	3,51	3,73	3,56
Hétero/Gay	5,35	4,66	5,50	4,92
Ordeiro/Bagunceiro	3,26	3,74	3,49	3,48
Astuto/Ingênuo	3,09	3,11	3,46	3,17
Afável/Maldoso	4,30	4,34	4,78	4,23
Genuíno/Falso	3,96	4,50	4,68	4,22

Os ouvintes foram divididos em seis grupos. Idealmente, deveria haver 24 grupos, de modo que cada grupo escutasse cada um dos quatro estímulos em todas as combinações possíveis. Contudo, isso requeriria um número muito maior de participantes do que se pôde obter. Em vez disso, o experimento foi aplicado como se se tratasse de três experimentos menores, tal como mostra o Quadro 3. Cada um dos seis grupos de ouvintes ouviu o estímulo D (com sibilantes mais curtas e um intervalo de *pitch* comprimido) e um dos estímulos A, B ou C. Os estímulos foram apresentados aos ouvintes em ordem aleatória, a fim de testar o efeito disso sobre suas avaliações. As análises quantitativas foram feitas com os grupos que ouviram os mesmos estímulos (ou seja, os Grupos 1a e 1b; 2a e 2b; 3a e 3b)⁵. Tais análises avaliaram se havia efeito dos valores dos traços (i.e., + ou -) das variáveis consideradas nas respostas dadas pelos ouvintes. Em caso afirmativo, conclui-se que isso se deve à configuração específica das variáveis. Por exemplo, se os falantes avaliarem o estímulo C, com intervalo de *pitch* [-estrito] e duração de sibilantes [+curta], como consistentemente mais gay do que o estímulo D, com intervalo de *pitch* [+estrito] e duração de sibilantes [+curta], pode-se concluir que o intervalo de *pitch* mais amplo é um traço linguístico que esses ouvintes associam ideologicamente à fala identificada como gay. Por fim, realizou-se uma análise de correlação para os três grupos, que investigou em que medida as notas dadas em determinada escala (p.ex., “afeminado/masculino”) se correlacionam com as notas em outra escala (p.ex., “hétero/gay”).

Quadro 3 – Apresentação dos estímulos aos ouvintes

Grupo 1a	A, D	Grupo 1b	D, A
Grupo 2a	B, D	Grupo 2b	D, B
Grupo 3a	C, D	Grupo 3b	D, C

RESULTADOS

Variáveis linguísticas. As análises quantitativas que compararam os três grupos principais foram realizadas com a função linear Análise de Modelos Mistos no SPSS 12, um tipo de análise multivariada (MANOVA). As variáveis independentes consideradas foram estímulo (i.e., qual gravação estava sendo avaliada pelos ouvintes) e ordem (i.e., se eles ouviram determinada gravação em primeiro ou segundo lugar). As variáveis dependentes foram as 10 escalas listadas no Quadro 2. Uma análise de modelo linear misto começa assumindo uma hipótese nula – que as variáveis independentes não têm efeito estatístico sobre as variáveis dependentes. A análise então constrói um modelo estatístico para testar essa assunção e gera uma medida de probabilidade. Nas ciências sociais, o limite de $p \leq 0,05$ é o padrão para rejeição da hipótese nula e para a inferência de que a variável independente é estatisticamente significativa para a distribuição de dados da variável dependente. Os resultados estão dispostos na Tabela 3.

⁵ Note-se que uma análise quantitativa com os seis grupos seria impossível devido ao desenho empírico, que é um misto de testes inter e intraparticipantes. Se fosse empregado um desenho completamente fatorial, com 24 grupos de participantes, a análise comparativa entre todos os grupos teria sido possível.

Tabela 3 – Resultados do modelo linear misto

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	F (1, 87)	p	F (1, 67)	p	F (1, 69)	p
Generoso/ Ganancioso	0,560	0,814	0,337	0,564	1,158	0,286
Preguiçoso/ Trabalhador	0,157	0,693	0,011	0,915	2,142	0,148
Pudico/ Promíscuo	0,213	0,646	0,706	0,404	0,119	0,731
Efeminado/ Masculino	3,312	0,080	1,080	0,302	0,169	0,682
Indiferente/ Amigável	3,112	0,081	0,156	0,694	0,000	0,988
Hétero/Gay	2,498	0,118	0,504	0,480	0,680	0,412
Ordeiro/ Bagunceiro	0,063	0,802	0,651	0,423	0,194	0,661
Astuto/Ingênuo	0,032	0,858	0,106	0,746	0,150	0,700
Afável/Maldoso	0,008	0,930	0,004	0,951	1,233	0,271
Genuíno/Falso	0,002	0,965	0,159	0,691	0,201	0,656

Para o Grupo 1, não houve diferença estatisticamente significativa entre como os ouvintes avaliaram o falante nas 10 escalas, seja a partir do estímulo com intervalo de *pitch* [-estreito] e duração de sibilantes [-curta], seja a partir daquele com intervalo de *pitch* [+estreito] e duração de sibilantes [+curta]. Na escala “hétero/gay”, a medida de probabilidade de 0,118 não atinge o limite estabelecido de significância. As únicas escalas que se aproximam de efeitos significativos são “efeminado/masculino” e “indiferente/amigável”, respectivamente, com probabilidades de 0,080 e 0,081. Os resultados são semelhantes para o Grupo 2, que ouviu os excertos B e D, assim como para o Grupo 3, que ouviu os excertos C e D. Os valores de probabilidade para todas as escalas nesses dois grupos mostram que as propriedades de intervalo de *pitch* e duração das sibilantes nas gravações não tiveram efeito significativo sobre as avaliações dos ouvintes. Esses resultados sugerem que, nesse experimento, somente a duração das sibilantes e o intervalo de *pitch* não contribuem para as percepções dos ouvintes sobre a sexualidade do falante, o que contradiz resultados de pesquisas anteriores sobre essas variáveis. No entanto, permanece o fato empírico, de acordo com muitas pesquisas anteriormente desenvolvidas, de que os ouvintes são notavelmente precisos no julgamento da sexualidade dos falantes – algo que continua enigmático. É completamente possível que a associação de uma prática linguística de determinado falante com uma subjetividade gay seja um fenômeno gestáltico, em que múltiplas pistas auditórias

agem conjuntamente para produzir um índice holístico de “qualidade gay”. Contudo, é exatamente essa a tarefa da pesquisa sobre linguagem e sexualidade: determinar se tal fenômeno aparentemente holístico pode ser dissecado. Ainda que os ouvintes no presente estudo não tenham sido influenciados pela mudança no intervalo de *pitch* ou na duração das sibilantes, talvez eles o teriam sido se se alterassem as durações das vogais, o *pitch* médio, as frequências dos formantes, ou algumas de outras diversas variáveis que fossem identificadas como parte de um estilo estereotipicamente gay de falar. É possível que seja também insuficiente alterar apenas uma ou duas variáveis; em vez disso, essas variáveis talvez precisem ser consideradas em agrupamentos (*clusters*). Se a gravação do falante houvesse sido alterada não apenas por meio da compressão do intervalo de *pitch* e da redução da duração das sibilantes, mas também pela diminuição do *pitch* médio e pela diminuição da velocidade da fala, os julgamentos dos ouvintes poderiam ter sido diferentes.

Não se está afirmando que a duração de sibilantes e o intervalo de *pitch* não tenham um papel nas avaliações dos ouvintes sobre a sexualidade de um falante. O que se pode afirmar no momento é que a hipótese nula da presente pesquisa não pode ser rejeitada. Essas duas variáveis, quando isoladas, com todo o resto mantido constante, foram insuficientes para alterar as percepções dos ouvintes sobre a sexualidade do falante. Mais pesquisas são necessárias para identificar quais traços ou combinações de traços poderiam fazê-lo.

Escalas. Ainda que as variáveis linguísticas não tenham tido efeito significativo sobre as avaliações dos ouvintes nas 10 escalas, houve correlações significativas entre essas últimas. Tais correlações sublinham o fato de que gênero e sexualidade, enquanto posições sociais, não existem isoladamente. Ao contrário, são ideologicamente ligadas com uma série de características de personalidade que se juntam para formar a percepção social sobre sexualidade em certa comunidade.

Realizou-se, então, uma análise de correlação nos grupos 1, 2 e 3 em conjunto, com vistas a medir quão linearmente dependentes duas variáveis são uma da outra. Em outras palavras, uma análise de correlação determina se certa nota na escala “hétero/gay”, por exemplo, provavelmente coocorre com uma nota na escala “efeminado/masculino”. Ao avaliar a possibilidade de uma relação entre duas variáveis, o modelo quantitativo gera um coeficiente de correlação de Pearson⁶. Essa medida é um número entre -1 e +1. Valores positivos indicam uma relação direta entre as variáveis, ou seja, uma nota alta em uma escala co-ocorre com uma nota alta para outra; valores negativos indicam uma relação inversa, ou seja, uma nota alta em uma escala co-ocorre com uma nota baixa em outra. Um coeficiente de Pearson zero indica uma falta de correlação entre as duas variáveis. Quanto mais próxima a medida estiver de +1 ou de -1, mais forte a correlação entre as duas variáveis.

A Tabela 4 lista os resultados da análise de correlação de Pearson, que utilizou a função de correlação no SPSS 12 nas 10 escalas. Os resultados mostram uma variedade de correlações que não necessariamente são relevantes para a presente discussão. Por exemplo, o fato de que a escala “indiferente/amigável” se correlaciona negativamente com a escala “generoso/ganancioso” significa

6 O coeficiente de correlação de Pearson (representado por “r”) é apenas uma de várias medidas de correlação estatística que podem ser geradas. O coeficiente de Pearson é usado para determinar quão bem um modelo linear descreve a relação entre duas variáveis.

que um ouvinte que avaliou o falante como “amigável” tinha maior probabilidade de avaliá-lo como “generoso”, ao passo que, se um ouvinte o avaliou como “indiferente”, provavelmente também o avaliou como “ganancioso”.

De modo geral, as correlações ideológicas entre os traços de personalidade associam altos níveis de benevolência com altos níveis de competência – ou seja, as características que podem ser consideradas como traços positivos de benevolência (generosidade, amigabilidade e afabilidade) correlacionam-se significativamente com aquelas que podem ser consideradas traços positivos de competência (trabalhador e astuto).

Um exame mais detalhado das escalas “hétéro/gay” e “efeminado/masculino” (reproduzidas na Tabela 5) permite verificar que masculinidade se correlaciona com ganância, ao passo que efeminidade se correlaciona com generosidade. De modo semelhante, masculinidade se correlaciona com indiferença e bagunça, enquanto efeminidade se correlaciona com amigabilidade e organização. Os traços de personalidade que podem ser considerados positivos – generosidade, amigabilidade e organização – correlacionam-se significativamente com efeminidade. Quanto à escala “hétéro/gay”, “gay” se correlaciona fortemente com amigabilidade e organização. “Hétéro”, por sua vez, correlaciona-se fortemente com indiferença e bagunça.

Tabela 4 – Análises de correlação entre as 10 escalas

	Generoso/ Ganancioso	Preguiçoso/ Trabalhador	Pudico/ Promiscuo	Efeminado/ Masculino	Indiferente/ Amigável	Hétero/ Gay	Ordeiro/ Bagunceiro	Astuto/ Ingênuo	Afável/ Maldoso	Genuíno/ Falso
Generoso/ Ganancioso	--	-0,260**	0,142*	-0,188**	-0,373**	-0,075	0,106	0,217**	0,592**	0,313**
Preguiçoso/ Trabalhador	0,260**	--	0,044	0,081	0,171**	-0,100	-0,139*	-0,218**	0,301**	-0,347**
Pudico/ Promiscuo	0,142*	0,044	--	0,084	0,074	0,078	0,091	0,040	0,034	-0,021
Efeminado/ Masculino	0,188**	0,081	0,084	--	-0,153*	0,416**	0,354**	0,070	0,020	0,082
Indiferente/ Amigável	-0,373**	0,171**	0,074	-0,153*	--	0,172**	-0,069	-0,097	-0,489**	-0,340**
Hétero/Gay	-0,075	-0,100	0,078	-0,416**	0,172**	--	-0,196**	-0,100	-0,081	-0,036
Ordeiro/ Bagunceiro	0,106	-0,139*	0,091	0,354**	-0,069	0,196**	--	0,169**	0,085	0,024
Astuto/ Ingênuo	0,217**	-0,218**	0,040	0,070	-0,097	-0,100	0,169**	--	0,221**	0,300**
Afável/ Maldoso	0,592**	-0,301**	0,034	0,020	-0,489**	-0,081	0,085	0,221**	--	0,480**
Genuíno/ Falso	0,313**	-0,347**	-0,021	0,082	-0,340**	-0,036	0,024	0,300**	0,480**	--

* $p \leq 0,05$ (bicaudal); ** $p \leq 0,01$ (bicaudal)

Tabela 5 – Correlações para “efeminado/masculino” e “hétero/gay”

	Generoso/ Ganancioso	Efeminado/ Masculino	Indiferente/ Amigável	Hétero/ Gay	Ordeiro/ Bagunceiro
Efeminado/ Masculino	0,188*	--	-0,153*	-0,416*	0,354*
Hétero/Gay	-0,075	-0,416*	0,172*	--	-0,196*

*p ≤ 0,01 (bicaudal)

No geral, as correlações nos dados evidenciam uma percepção de homens gays como amigáveis e organizados. De modo semelhante, embora nenhum dos 121 ouvintes tenha avaliado o falante do excerto na extremidade “hétero” da escala “hétero/gay”, a percepção oposta (de homens hétero como indiferentes e bagunceiros) também se evidencia nos dados.

Quanto à correlação entre a escala “efeminado/masculino” e “hétero/gay”, o resultado indica que, para um falante do sexo masculino, os ouvintes no presente estudo associam efeminidade a “gay” e masculinidade a heterossexualidade. Em outras palavras, os ouvintes reúnem as categorias de gênero e sexualidade, associando-as ideologicamente, de modo que o comportamento normativo de gênero (i.e., masculinidade em homens) indicia heterossexualidade, enquanto o comportamento não normativo de gênero (i.e., efeminidade em homens) indicia homossexualidade⁷. Além disso, há uma sobreposição quase completa entre os julgamentos de efeminidade e “gay” (cada um com seus respectivos traços correlatos). Os ouvintes no presente estudo parecem entender gênero (cf. nota 5) e sexualidade como partes integrantes do mesmo construto identitário. Esse resultado é paralelo aos de Gaudio (1994, p. 48), que reporta que

[...] as avaliações dos ouvintes nas escalas “hétero/gay” e “efeminado/masculino” se correlacionaram fortemente [...] o que significa que os falantes que foram avaliados como “hétero” também foram julgados como “masculinos”, e os falantes que soaram “gays” também foram julgados como “efeminados”.

Esses resultados quantitativos fornecem evidências empíricas para a afirmação de Cameron e Kulick (2003, p. 5): “ter certo tipo de corpo (sexo), viver como certo tipo de ser social (gênero) e ter certos desejos eróticos (sexualidade) não são entendidos ou experienciados, pela maioria das pessoas na realidade social dos dias de hoje, como instâncias distintas e separadas, mas sim interconectadas”. Tal interconexão está há tempos no cerne do entendimento de identidades e práticas sexuais não normativas. Com efeito, Cameron e Kulick (2003) argumentam que a junção de comportamento dissidente de gênero com sexualidade (p.ex., efeminidade em homens implica homossexualidade) é um produto da natureza compulsória da heterossexualidade (RICH, 1980) em ideologias dominantes de gênero, de acordo com as quais um homem “de verdade” é o homem

⁷ As avaliações na escala “efeminado/masculino” são aqui descritas como de “gênero”, termo empregado para fazer referência à performance social (incluindo a linguística) de certo tipo de classificação de sexo. Todos os ouvintes identificaram o falante como homem; suas notas na escala “efeminado/masculino”, portanto, refletem sua percepção de performance dessa categoria identitária.

que deseja e conquista mulheres. Dessa forma, um homem gay não pode ser um homem “de verdade”, e surge uma relação mutuamente interdependente entre percepções de gênero e percepções de sexualidade.

Contudo, essa interdependência não implica que gênero e sexualidade sejam a mesma coisa; tampouco significa que não haja motivos convincentes para distinguir os dois construtos. De uma perspectiva sociolinguística, algumas pesquisas descobriram que traços linguísticos ocorrem diferentemente conforme funcionam como pistas de gênero ou de sexualidade. Smyth, Jacobs e Rogers (2003), por exemplo, verificaram que a variação no *pitch* médio de um falante tinha um efeito diferente nas percepções sobre gênero, mas não sobre sexualidade. Ainda que seus ouvintes estivessem dispostos, por vezes, a avaliar certas vozes como “gay” mas não como “femininas”, isso foi feito apenas quando o *pitch* médio do falante era baixo. Colocado de outro modo, os ouvintes avaliaram uma “voz com baixo *pitch*, [mas] que soava gay” (SMYTH; JACOBS; ROGERS, 2003, p. 344) como “gay”, mas não como “feminina”. Esse resultado parece sugerir que os ouvintes podem julgar o gênero, mas não a sexualidade, por meio do *pitch* médio, assumindo ideologicamente que vozes femininas têm *pitch* mais alto do que as masculinas.

Embora essa conceitualização certamente tenha sido útil e importante dentro da visão acadêmica sobre gênero e sexualidade (assim como para algumas visões políticas; ver VALENTINE, 2003), ainda é importante perceber que essa divisão não corresponde à experiência vivida por muitas pessoas. Para alguns, incluindo os 121 ouvintes da presente pesquisa, um modelo que enxerga gênero e sexualidade como intimamente imbricados e inter-relacionados é o modo como conceitualizam sua própria subjetividade, assim como a dos outros.

CONCLUSÃO

Este artigo apresenta uma nova abordagem metodológica ao estudo de percepções sobre gênero e sexualidade. Pesquisas anteriores apresentam problemas tanto de ordem teórica quanto analítica ao usar como estímulos experimentais a fala natural de pessoas que se autoidentificam como gays ou héteros. O presente estudo, por sua vez, usa a variação controlada em nível micro de traços linguísticos específicos, com vistas a determinar o que exatamente as pessoas escutam ao julgar a sexualidade de um falante. Os resultados mostraram que, ao menos para o falante em consideração, a variação em seu intervalo de *pitch* e na duração de suas sibilantes foi insuficiente para modificar as percepções dos ouvintes sobre sua sexualidade de modo significativo. Isso não implica que o intervalo de *pitch* ou a duração das sibilantes não tenham papel nos julgamentos sobre a sexualidade. São necessárias novas pesquisas controladas nesses moldes para continuar a investigar índices simbólicos em potencial que podem interagir com o julgamento acerca de identidade sexual. As correlações significativas entre diferentes escalas atitudinais ilustram os modos pelos quais as percepções sobre sexualidade são ideologicamente ligadas a outras percepções sobre personalidade e individualidade; de modo similar, ao investigar mais aprofundadamente outros traços linguísticos e suas possíveis correlações e interações, poderemos começar a desenvolver um entendimento mais sutil da relação entre ideologia e prática e, em última instância, do que está por trás da percepção sobre sexualidade.

HEARING "GAY": PROSODY, INTERPRETATION, AND THE AFFECTIVE JUDGMENTS OF MEN'S SPEECH

Abstract: This article describes a controlled experiment designed to determine what people listen to specifically when judging a speaker's sexuality. Four experimental stimuli were produced by digitally shortening the syllable duration and narrowing the pitch of one male speaker reading a passage. Listeners rated various combinations of the four stimuli on ten affective scales, including straight/gay and effeminate/ masculine. Altering the two variables was insufficient to alter listeners' perceptions of the speaker's sexuality to a level of significance. However, significant correlations between the different attitudinal scales illustrated that perceptions of sexuality are ideologically linked to other perceptions of personality and personhood.

Keywords: Sibilant duration. Pitch. Gender/sexuality.

REFERÊNCIAS

- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, v. 13, n. 2, p. 145-204, June 1984.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-69.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing identity in language and sexuality research. *Language in Society*, v. 33, n. 4, p. 469-515, Oct. 2004.
- CAMERON, D.; KULICK, D. *Language and sexuality*. London: Cambridge University Press, 2003.
- DERRIDA, J. *Limited Inc. Evanston, Ill.* Evanston: Northwestern University Press, 1995.
- ECKERT, P. Demystifying sexuality and desire. In: CAMPBELL-KIBLER, K. et al. (Ed.). *Language and sexuality: contesting meaning in theory and practice*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2002. p. 99-110.
- FRY, D. B. Experiments in the perception of stress. *Language and Speech*, v. 1, n. 2, p. 126-152, Apr./June 1958.
- GAUDIO, R. P. Sounding gay: pitch properties in the speech of gay and straight men. *American Speech*, v. 69, n. 1, p. 30-57, Spring 1994.
- GILES, H.; POWESLAND, P. F. A social psychological model of speech diversity. In: GILES, H.; POWESLAND, P. (Ed.). *Speech style and social evaluation*. New York: Harcourt Brace, 1975. p. 154-170.
- HENTON, C. G. Fact and fiction in the description of female and male pitch. *Language & Communication*, v. 9, n. 4, p. 299-311, 1989.
- HENTON, C. G. Pitch dynamism in female and male speech. *Language & Communication*, v. 15, n. 1, p. 43-61, Jan. 1995
- IRVINE, J. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

- JASSEM, W. On the pitch and compass of the speaking voice. *Journal of Phonetics*, v. 1, n. 2, p. 59-68, 1971.
- KLATT, D. H. The duration of [S] in English words. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 17, n. 1, p. 51-63, Mar. 1974.
- KLATT, D. H. Vowel lengthening is syntactically determined in a connected discourse. *Journal of Phonetics*, v. 3, n. 3, p. 129-140, July 1975.
- KULICK, D. Gay and lesbian language. *Annual Review of Anthropology*, v. 29, p. 243-285, Oct. 2000.
- LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, p. 44-51, Jan. 1960.
- LEHISTE, I. Some factors affecting the duration of syllabic nuclei in English. In: DRACHMAN, G. (Ed.). *Akten der 1: Salzburger Frühlingstagung für Linguistik*, Salzburg vom 24.bis25. Mai 1974. Tübingen: Narr, 1975. p. 81-104.
- LEVON, E. Examining a gay prosody: issues in theory, methodology, and identity. Paper presented at Lavender Languages and Linguistics XI, Washington, D.C., 2004.
- LINVILLE, S. E. Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men's speech. *Folia Phoniatrica et Logopaedica*, v. 50, n. 1, p. 35-48, 1998.
- NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. In: HARDCASTLE, W. J.; LAVER, J. *The handbook of phonetic sciences*. Oxford: Blackwell, 1997. p. 640-673.
- OLLER, D. K. The effect of position in utterance on speech segment duration in English. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 54, n. 5, p. 1235-1247, Nov. 1973.
- PODESVA, R. "The stylistic use of phonation type: Falsetto, fundamental frequency, and the linguistic construction of personae." Unpublished MS. 2003.
- PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meaning in the production of gay styles. In: CAMPBELL-KIBLER, K. et al. (Ed.). *Language and sexuality: contesting meaning in theory and practice*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2002. p. 175-190.
- RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, n. 5, p. 631-660, 1980.
- ROGERS, H.; SMYTH, R. Phonetic differences between gay- and straight-sounding male speakers of North American English. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 15., Barcelona, 2003. *Proceedings...* Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p. 1855-1858.
- ROGERS, H.; SMYTH, R.; JACOBS, G. Vowel and sibilant duration in gay- and straight-sounding male speech. In: International Gender and Language Association Conference, 1., 2000, Stanford. *Papers...* Stanford, 2000.
- SCHERER, K. R. Judging personality from voice: a cross-cultural approach to an old issue in interpersonal perception. *Journal of Personality*, v. 40, n. 2, p. 191-210, June 1972.

SMYTH, R.; JACOBS, G.; ROGERS, H. Male voices and perceived sexual orientation: an experimental and theoretical approach. *Language in Society*, v. 32, n. 3, p. 329-350, June 2003.

UMEDA, N. Consonant duration in American English. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 61, n. 3, p. 846-858, Mar. 1977.

VALENTINE, D. "I went to bed with my own kind once": the erasure of desire in the name of identity. *Language & Communication*, v. 23, n. 2, p. 123-138, Apr. 2003.

ANEXO

Texto do estímulo

I was going down the steps to the Six train. It was right around five-thirty, it was rush hour, and the platform was really crowded – almost impossible to move. There was a guy sitting on the ground playing classical music on a keyboard, and another guy further down the platform playing drums. I wanted to get to the front end of the station, so that I could try and get a seat on the train, instead of having to stand. I'm walking along the edge of the platform, you know on those yellow bumpy things they have for blind people, and I glanced up and this woman is walking towards me from the other direction. She was playing with her phone, I don't know like choosing a new ring or something, and she wasn't looking where she was going. I assumed she knew I was there, but I tried to move out of her way. I guess I didn't move fast enough or far enough because I accidentally bumped into her. It wasn't very hard, but maybe since she wasn't paying attention it surprised her, you know? Anyway, she lost her balance and started to like teeter back and forth, almost like in a cartoon, and it looked like she was going to fall onto the subway tracks. I guess by instinct she kind of yelped and flung her arm out, missing my eye with her bracelet by like an inch. She caught hold of the collar of my jacket, and almost pulled me down with her. Luckily, I just fell on the platform, and managed to grab her waist and keep her from falling onto the track. She did drop her cell phone into the tracks – I guess that's the lesson – don't play with your phone when you're walking on the edge of the platform.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em julho de 2016.